

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: diário do Nordeste

Class.: tremembé 04

Data: 19/04/92

Pg.: _____



Os descendentes dos Tremembés se reúnem para a dança do torém, a única programada para comemorar a data



Antes da apresentação o cuidado com a imagem

Índios Tremembés ainda preservam suas tradições

Quando os portugueses pisaram no solo brasileiro, há 492 anos, com o intuito de explorar as riquezas que o território oferecia, segundo os historiadores, o País já era habitado por cerca de quatro milhões de índios. Organizados em tribos, eles habitavam diversas regiões do país. Desta raça, milhares eram encontrados no Ceará, precisamente no seu litoral. Povo nômade e valoroso na guerra, os índios tremembés, segundo se sabe, viviam aldeados pelo litoral do Maranhão, estendendo-se até o litoral oeste do Ceará, precisamente em Almofala, onde até hoje permanece um grupo que luta pela preservação da raça.

A história registra que, com o passar dos tempos, milhares índios foram massacradas e tribos exterminadas por colonizadores europeus e ainda pelas doenças, importadas por eles. A situação do índio, no Brasil, vai de mal a pior, caminhando para a sua extinção. Segundo estimativa feita por órgãos responsáveis pela civilização indígena, hoje restam apenas cerca de 20 mil sobreviventes dos silvícolas que povoaram a nação. O resto foi criminosamente dizimado, por grupos de malfetores que se revezaram, através dos tempos, explorando os indefesos donos de sua pátria. Sim, o Brasil é (ou foi) deles e também um pouquinho nosso. De leve.

PALIDAS MEDIDAS

Em defesa dos índios foram adotadas palidas medidas, que de qual quer maneira, ajudaram um pouco na preservação do que deles restam. Assim, tivemos o Serviço de Proteção aos Índios, hoje transformado em Fundação Nacional do Índio, a FUNAI. Órgão federal que pouco tem realizado em defesa dos grupos tribais, sendo por isso motivo de críticas do "povo branco" e entidades interessadas nos problemas indígenas. Inclusive, no meio dessas importantes medidas, que sempre permaneceram quase intactas, foi criado o Dia Nacional do Índio - 19 de abril. Data nunca comemorada, nem mesmo por eles.

Ao contrário de outras datas efêmeras, comemoradas com grandes festas e até mesmo premiadas com feriados prolongados, o Dia do Índio é pouco lembrado, com exceção da classe estudantil, que tem por obrigatoriedade registrar nos seus currículos o data comemorativa. Em Almofala, antiga aldeia indígena, pertencente a jurisdição do município de Itarema, a 250 quilômetros de Fortaleza, encontra-se margeando à região praiana cerca de três mil tremembés.

Eles possuem costumes, dialetos e tipos físicos diferentes. Os poucos que ainda restam, já passaram por um processo chamado de aculturação, recebendo influências do modo de vida do povo branco. Vivendo em casas de taipa e paliças espalhadas pelo vilarejo de Almofala, os tremembés convivem com muitos problemas sociais.

IDENTIDADE

Tidos como pacíficos e catequizados pelos missionários, os tremembés tornaram-se conhecidos nacionalmente depois que o jornalista Dedé de Castro, navegando por "aquelas bandas" deparando-se com aquela raça resolveu escrever sobre os mesmos, na tentativa de descobrir e conhecer melhor o comportamento e a originalidade daquele grupo tribal.

Isolados de outros grupos indígenas, os tremembés, assumem de certa forma sua identidade étnica, ao contrário de outras dezenas deles que preferem guardar seu "sangue vermelho" a sete chaves habilitam lugares como Córrego do

São José, Campim Açu e a própria Almofala, pequenas aldeias instaladas no litoral de Itarema. O cultivo da mandioca, a fabricação da farinha, a confecção do artesanato primitivo, a pesca no mar além da agricultura de subsistência são ainda os principais meios de sobrevivência dos tremembés.

Os que ainda permanecem em Almofala, são completamente desconhecidos pela sua origem, pois, segundo eles são discriminados pelo simples fato de serem descendentes de índios. Desta forma, torna-se difícil a identificação dos mesmos.

Ao contrário dos tapebas, outro grupo, que habita às margens do rio Ceará, na BR 222, proximidades do município de Caucaia, os tremembés vivem organizados, preservam algumas de suas tradições, como a dança e o seu artesanato, que ainda rústico faz parte da cultura e do folclore daquela região. Eles conservam, até o presente, parte da tradição. Não esqueceram de todo a língua e movimentam o corpo com danças ancestrais, como o Torém.

Os descendentes da tribo tremembé, crianças e adultos logo cedo vão ao mar à procura de alimento, enquanto as mães tomam de conta da cozinha. As relações sociais entre os tremembés e os brancos são de cooperação e amizade. Seguindo a risca os ensinamentos dos jesuítas que catequisaram logo no início da colonização dos europeus, os tremembés, ainda conservam o hábito de ir à missa, na capela de Nossa Senhora da Conceição, quando ali acontecem.

O vilarejo de Almofala, a 11 quilômetros do centro urbano de Itarema é um desses lugares perdidos pelo interior do Ceará, onde o progresso caminha vagorosamente. É óbvio que a energia elétrica chegou em Almofala trazendo aos tremembés comunicação, conforto e diversão. Em termos de lazer, é novela e futebol. A opção que consegue reunir indistintamente a todos numa animada jornada esportiva nos finais de tarde defronte a igreja de Nossa Senhora da Conceição, é um jogo de bola. A noite, ninguém arreda o pé da televisão.

A demarcação de três mil hectares de terras em Almofala desapropriadas na região, em agosto de 1988 pelo Governo Federal constituem na principal aspiração da comunidade indígena. Eles lutam há anos pelo direito de posse da terra, tendo inclusive a traçar aliança com entidades estudantis do Estado. Uma melhor assistência educacional, agrícola e a saúde completam seus anseios neste dia em que muitos tremembés param para refletir e comemorar o Dia dedicado a eles.

FALTA EDUCAÇÃO

Independente das condições sócio-econômicas e culturais, os tremembés têm o dia do índio como uma data certa para reflexão e oração. Geraldo Cormo dos Santos, 69 anos, casado, pai de quatro filhos, comemora o índio brasileiro, ele se reunirá com outros de sua espécie para a apresentação do tradicional torém, dança típica da tribo. Sobre as condições de vida, Geraldo Cormo, que apesar deter o nome português, faz questão de pertencer a raça indígena. Outra reivindicação da tribo é a construção de um salão comunitário no sentido de proporcionar o encontro dos tremembés.

Por sua vez, seu maior sonho neste dia é ganhar uma fortuna, pois só assim resolveria seus problemas, que vão desde a moradia digna às condições de alimentação. A carestia é outro problema enfrentado por Geraldo Cormo. Segundo ele os filhos não frequentam colégio devido a falta de condições financeiras. Este problema é generalizado na tribo. A índia Maria Francisca Rodrigues, conhecida por Maria Serafim, de 78 anos, viúva, dona de uma cabana de taipa, disse que não tem mais forças para comemorar o dia do índio até porque nunca levou muito em consideração as festividades. Vivendo com a neta Otaciana Carneiro do Nascimento, Maria Serafim acrescenta que no lugar a maioria é descendente da tribo, no entanto, ninguém assume a identidade, por temer a discriminação racial.

Manoel Lima
Correspondente